

**Metáfora, oxímoro e argumentatividade**

---

Metaphor, Oxymoron and Argumentativity

**Eduardo GUIMARÃES\***

DL-IEL/LABEURB/UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP/BRASIL

**RESUMO**

Pretendemos, neste trabalho, produzir um estudo sobre a metáfora a partir de um lugar teórico específico, que é a Semântica do Acontecimento. Para isso, iremos analisar os processos enunciativos envolvidos em acontecimentos de enunciação que fazem significar expressões, tais como *ele destrói o saxofone, o espetáculo é/foi bárbaro!*. Com isso, podemos entender melhor o funcionamento da metáfora enquanto acontecimento de linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** Metáfora. Enunciação. Semântica do Acontecimento.

*ABSTRACT*

*We intend, in this paper, to produce a study about the metaphor from a specific theoretical place, which is the Semantics of the Events. To do that we are going to analyze the enunciative processes involved in enunciative*

---

\*Sobre o autor ver página 168.

*events that build the meaning of some expressions, such as “he destroys the saxophone, the presentation is/was thrilling!”. This allows us to understand better the way that metaphors work as language events.*

KEYWORDS: *Metaphor. Enunciation. Semantics of the Events.*

Há algum tempo me deparei com uma frase que me ficou instigando a voltar a ela como semanticista, mas nunca me dei até aqui a esse trabalho. Agora volto a ela motivado por algo mais geral, que me fez pensar num modo de entender o seu sentido, e o de outras enunciações assemelhadas.

(1) “Muitas vezes ouvi referência a Mané Silveira do tipo “...ele destrói o saxofone...”

Esta frase é o início do seguinte pequeno texto:

(2) “Muitas vezes ouvi referência a Mané Silveira do tipo “...ele destrói o saxofone...” Confesso que sempre me incomodou essa associação entre a aptidão musical e a idéia de “destruição”. Música é algo que se cria, se constrói. E, particularmente no caso de Mané, é difícil descobrir uma conotação do verbo “destruir” que expresse, com alguma fidelidade, sua maneira de fazer música” (Claudio Leal Ferreira, encarte do CD *Bonsai Machine* de Mané Silveira).

Na linha da expressão que incomodou o músico, encontramos tantas outras. Uma delas, muito comum, é dizer sobre um certo jogador, em uma partida de futebol: *ele acabou com o jogo*. Outras expressões, por exemplo, são *é bárbaro*, *foi bárbaro*, *está bárbaro* ou *bárbaro!*. Estas são expressões que aparecem em frases de avaliação positiva como *o espetáculo é/foi bárbaro!*. Uma outra expressão que também aparece como avaliação positiva é *foi animal!/é animal!*. Esta expressão aparece, por exemplo, na seguinte sequência:

(3) Eu estou muito animado e ansioso para as pessoas ouvirem o que fizemos, não consigo imaginar que as pessoas possam não gostar deste trabalho. Acho que as coisas que fizemos estão animais.

Esta sequência está no texto:

**(4) PRODUTOR DIZ QUE NOVO ÁLBUM DE LADY GAGA ESTÁ “ANIMAL”**

Zedd, produtor do quarto álbum de Lady Gaga, afirmou em uma entrevista que o novo álbum da cantora, “ARTPOP”, será “animal”. O DJ alemão também contou que a cantora utilizou uma “abordagem experimental” para criar suas músicas. As informações são do site NME.

“Eu estou muito animado e ansioso para as pessoas ouvirem o que fizemos, não consigo imaginar que as pessoas possam não gostar deste trabalho. Acho que as coisas que fizemos estão animais”.

Questionado sobre a sonoridade do álbum, Zedd comentou que Gaga não mudou seu som para agradar o público: “Ficou incrível exatamente por não ter a pretensão de agradar ninguém, Gaga é quem ela é. Sua primeira ideia de como deveríamos abordar as músicas era ser o mais natural possível”.

O produtor também revelou que o álbum terá um certo caráter experimental. “Não tentamos fazer um álbum de música eletrônica, mas, ao mesmo tempo, não tentamos fugir disso. Teve uma canção que começou a partir de 10 palavras que ela usou para descrever uma emoção, então eu encaixei uma música ali. Foi uma maneira muito experimental de fazer música”.

“ARTPOP” deve ser lançado no segundo semestre de 2013<sup>1</sup>.

Meu objetivo neste trabalho é analisar os processos enunciativos envolvidos em acontecimentos de enunciação que fazem significar expressões como as que apresentei acima. Em outras palavras, trata-se

---

<sup>1</sup> <http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2013/06/15/produtor-diz-que-novo-album-de-lady-gaga-sera-anim.htm>. (Acessado em 22 de março de 2015).

de analisar o sentido destas expressões. Esta análise é mais uma que faço procurando descrever e analisar construções diversas, em língua portuguesa, em torno do funcionamento enunciativo da metáfora. Para isso vou analisar especificamente, em (3), o enunciado

(3a) Acho que as coisas que fizemos estão animais.

## 1 Uma Primeira Aproximação

Tomar para análise acontecimentos de enunciação como estes coloca a questão numa perspectiva da história do funcionamento da língua. Ao mesmo tempo somos levados a pensar estas expressões como metáforas, mas também em algo que lembraria um oxímoro. É como se alguém pudesse dizer *o saxofonista constrói destruindo*, *o saxofonista destrói construindo* ou *a destruição construtiva do saxofonista*. Por outro lado podemos levar em conta nestes casos o que, no domínio da semântica argumentativa<sup>2</sup>, se chama argumentação linguística, e que vou chamar de orientação argumentativa.

Quanto ao primeiro aspecto, não se trata aqui de uma metáfora específica em um certo texto. Trata-se de expressões que funcionam como estabelecidas e podem aparecer em acontecimentos diversos de enunciação. Por outro lado, há que se notar que o incômodo do maestro sobre o elogio ao saxofonista se deve a algo que ele expressa dizendo que não há na palavra *destruir*, nem mesmo nas suas conotações, nada que se possa reconhecer como modo de fazer música, que é, para o maestro, *construção*. *Destruir* significa o oposto de *construir*. Isto é o mesmo que aparece nas outras expressões que citei acima. *Bárbaro!*, como apreciação positiva, é o oposto de um sentido altamente estabilizado para *bárbaro*: aquele que é violento, não é educado, ou mais recentemente, que não é civilizado (depois do século XVIII). *Animal*, também como avaliação positiva, é o oposto do sentido de *animal* como o *não humano* e, mais importante aqui, é o oposto, como sentido da metáfora, de *ser grosseiro*, *não ser educado*. A palavra *animal* poderia ser vista como um sinônimo de *bárbaro no sentido tradicional da palavra*.

<sup>2</sup> Trata-se do que Ducrot (1973, 1988, 2004) considera a argumentação na língua.

Mas não se trata de uma oposição estanque na língua. É uma oposição cujos limites são afetados pelas permanentes *mudanças* de sentido na enunciação. Podemos dizer que esta movimentação de sentidos opostos se configura como a condensação de um oxímoro, como esperamos mostrar em seguida. De qualquer modo, podemos considerar que estas expressões produzem uma orientação argumentativa. Dizer que um filme *foi bárbaro*, ou dizer *o CD vai ser animal* orienta, por exemplo, para *vá ver*, num caso, e *compre/ouça*, no outro.

Como dito acima, tomemos, para refletir sobre esta questão, o enunciado do produtor de Lady Gaga, retomado em discurso direto<sup>3</sup>, no texto acima.

(3a) Acho que as coisas que fizemos estão animais.

Vou iniciar a análise pelo recorte do funcionamento metafórico de *estão animais* e como isto se integra no texto para significar como significa. Um registro importante de saída é que a expressão funciona como predicação no enunciado. Como indicamos antes, o sentido desta expressão apresenta algo que a retórica chama de oxímoro<sup>4</sup>. No entanto, se encontramos nesta metáfora um choque antonímico, ele não se enuncia por uma relação de articulação sintática. Não há nenhum choque antonímico entre *as coisas* e *animais*, por exemplo. Este choque está, neste acontecimento, significado na metáfora **animais**<sup>5</sup>.

Para mim, é interessante aqui observar que este funcionamento, tão comum, significa, de modo claro, como o funcionamento da língua está sempre se separando da sua origem, ou daquilo que veio antes, mesmo que este antes insista em se apresentar ali mesmo onde foi transformado.

<sup>3</sup> Estou tomando aqui o enunciado tal como está no texto (4). O que está retomado em discurso direto foi inicialmente dito em inglês. Em Inglês o enunciado é "I think the stuff we've made is **pretty fucking cool**." Mesmo sabendo do interesse em refletir sobre a relação das línguas no espaço de enunciação, a partir da tradução feita, vou me dedicar ao funcionamento do enunciado no texto (4), que é em língua portuguesa e no Brasil.

<sup>4</sup> "união sintática íntima de conceitos contraditórios em uma unidade, a qual fica com isso carregada de uma forte tensão contraditória" (LAUSBERG, 1966, p. 222).

<sup>5</sup> Vou apresentar a metáfora sempre em negrito e em itálico.

## 2 A Reescrituração Metafórica

Considerar que em (3a) há uma metáfora na expressão **animais** significa que o sentido dessa expressão está relacionado ao sentido de enunciações com a palavra *animal* no seu sentido estabilizado na língua, mas é um outro sentido. Ou seja, **animais** significa na medida em que sua enunciação modifica o sentido da palavra *animal*. Na tradição vinda da retórica, estabeleceu-se uma concepção da metáfora como um sentido da palavra como desvio de seu sentido próprio. Diferentemente desta posição, tenho considerado a metáfora, a partir de minha concepção enunciativa do sentido, como a fusão de uma reescrituração<sup>6</sup>. Ou seja, é preciso observar não simplesmente a relação entre a palavra *animal* e a metáfora **animal**, é preciso observar que a mudança de sentido se deu num acontecimento de enunciação específico. Trata-se, para mim, de analisar como se constitui a metáfora pela relação da expressão com outras expressões, no acontecimento de linguagem; que outras expressões estão reescrituradas pela metáfora, é isto que lhe dá sentido.

Retomo aqui, o que apresentei, do meu ponto de vista (GUIMARÃES, 2011), como uma caracterização enunciativa da metáfora. Parti da seguinte sequência:

(5) “O *caráter* de uma língua muito depende do vocabulário: a palavra é um membro vivo do organismo da linguagem; é a molécula integrante da frase. Pode-se, pois, deduzir o *caráter* de uma língua do de suas palavras: o *gênio* só se manifesta na sua morfologia” (SILVA JR., 1879, p. 81)

O enunciado *é a molécula integrante da frase reescritura*<sup>7</sup>, por elipse, *palavra*, do enunciado que o precede. Deste modo vamos tomar a paráfrase abaixo como modo de apresentar o enunciado:

<sup>6</sup> A noção de reescrituração tal como está em Guimarães (2002 e 2007).

<sup>7</sup> A noção de reescrituração tal como está em Guimarães (2002 e 2007).

(5a) A palavra é a molécula integrante da frase.

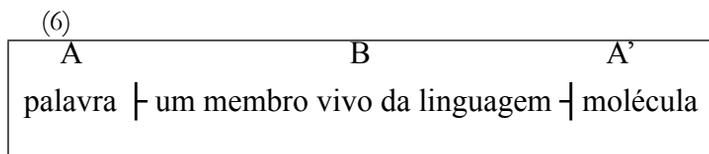
Em (5a), vai nos interessar a metáfora que se apresenta pelo sentido de **molécula**.

Em (5), como disse no artigo citado, encontramos as seguintes afirmações sobre o funcionamento da língua: a língua é um organismo; a palavra é um membro vivo deste organismo.

Façamos agora atenção ao funcionamento da metáfora (**molécula**) que está em *a palavra é a molécula integrante da frase*. Tal como mostramos, em (5) *um membro do organismo da linguagem* reescritura, por definição, *palavra*. Por outro lado, o sentido do enunciado aqui considerado, pela relação de reescritura estabelecida acima (*palavra* é reescriturada por elipse em (5a)), e pelo que se diz em (5) sobre a linguagem (que indicam o modo de integração do enunciado no texto), pode ser apresentado pelas seguintes relações:

- (a) sabe-se que a linguagem é um organismo vivo.
- (b) a palavra é um membro vivo da linguagem.
- (c) a palavra é uma molécula integrante da frase.

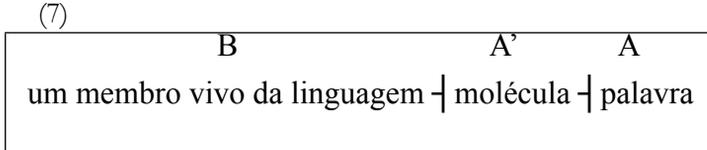
E nestas relações consideramos que **molécula** reescreve sinonimicamente *membro vivo da linguagem*, que reescreve por definição, como vimos, *palavra*. Ou seja, **molécula**, portanto, reescreve sinonimicamente *palavra*. Como dissemos, *membro vivo da linguagem* (B) determina<sup>8</sup> de um lado *palavra* (A) e de outro **molécula** (A'). Representamos estas relações como segue<sup>9</sup>:



<sup>8</sup> A determinação e a constituição do DSD tal como está em Guimarães (2007).

<sup>9</sup> Os sinais | se leem determina.

A metáfora, neste caso, consiste em que **molécula** vai significar enquanto uma determinação de *palavra*, pela sinonímia estabelecida. A metáfora se constitui pelas relações apresentadas em:



Esta passagem de (6) a (7) é produzida, na enunciação da palavra **molécula**, pela fusão de uma reescrituração sinonímica no enunciado *a palavra é a molécula integrante da frase*. Funde-se, no caso, a reescrituração de A por A', e também de B por A'.

Ou seja, é na medida em que a enunciação *funde* uma reescrituração, que leva a B determina A e determina A' (indicado em (6)), que A' (determinado por B) determina A e assim é metáfora de A.

### 3 “Animal” na Cena Enunciativa<sup>10</sup>

A metáfora **animais** é produzida pelo modo como este termo se articula no enunciado, e assim nele se integra e pelo modo como este enunciado está neste texto. Primeiro aspecto a observar, *animais* de (3a) é uma predicação de *coisas*. Segundo aspecto, particularmente importante de ressaltar, é que **animais** tem uma relação de reescrituração muito específica. De um lado a palavra aparece por uma reescrituração, por repetição, três vezes. Terceiro aspecto, *coisas*, predicado por *estão animais*, é uma reescrituração, no texto (4), de *o quarto álbum de Lady Gaga, o novo álbum da cantora, ARTPOP* e de *este trabalho*. Ou seja, *estão animais* predica *ARTPOP, quarto álbum de Lady Gaga*, etc. Quarto aspecto, e já o dissemos, **animais** é reescriturado, em certa medida, por *caráter experimental, incrível, natural*.

Na medida em que, para nosso modo de considerar a questão, a metáfora é uma fusão de uma reescrituração, consideraremos a cena enunciativa que constitui a metáfora. Assim podemos tratar da fusão

<sup>10</sup> Tal como a considero em Guimarães (2002).

da reescrituração que coloca em relação vozes diversas num mesmo segmento. Para tratar disso consideramos que **animais** é, em (4), reescriturado por *caráter experimental, incrível, natural*. Nesta medida

(3a) Acho que as coisas que fizemos estão animais

pode ser parafraseado, entre outros modos, por

(3a') Acho que as coisas que fizemos estão incríveis, naturais, são experimentais.

Isto nos leva a considerar na enunciação de **animais**, a seguinte cena enunciativa<sup>11</sup>:

(3a'1)

E1 – o CD é experimental, natural, incrível

L- l-x

E2- o CD é **animal**

Especificação: L assume E2

Assim há uma concomitância das vozes que dizem A (*experimental, natural, incrível*) e A' (**animais**). Um aspecto fundamental é que, pelo agenciamento enunciativo, a voz que diz **animal** se apresenta como assumindo o dito pela voz E1, determinando-a, tal como consideramos no processo metafórico A' determina A (*experimental, natural, incrível*). Assim consideramos que L assume E2. E se trata, ao mesmo tempo, de uma indistinção. Em **animais** o que há não é A e A'. O que há são estas vozes fundidas, indistintas. A força desta fusão e indistinção no enunciado em estudo é tão mais forte se consideramos algo, já observado antes, que não incluímos na descrição que acabamos de fazer. Há na metáfora **animais** uma relação tal que *animal*, o não-humano (irracional), também está reescriturado nesta metáfora. Veja que podemos parafrasear (3a) por

(3a.1) As coisas (o CD) que fizemos são extraordinárias.

(3a.2) As coisas (o CD) que fizemos são instinto puro.

<sup>11</sup> CD sintetiza aqui as reescriturações de *coisas* acima considerada.

Este aspecto leva a considerar, então, nesta metáfora, três enunciadores. Assim teríamos:

E0 – o CD é animal (irracional) (X)

E1 – o CD é experimental, natural, incrível (A)

L- l-

E2- o CD é **animal** (A')

*Especificação:* L assume E2

A metáfora é assim aqui uma fusão de uma reescrituração que projeta a determinação de *animal* (irracional, instinto puro) sobre *experimental, natural, incrível*, determinando-os. Estas vozes se fundem na voz (E2) que diz **animal**, assumida pelo Locutor. Ou seja, a metáfora, que significa antiteticamente (oxímoro), se constitui pela fusão de vozes em uma enunciação que faz significar no acontecimento, toda uma história de enunciações da palavra *animal* (não metafórica, e antonímica à metáfora). Esta história significa no acontecimento o que representamos acima pelo enunciador E0, que podemos considerar como uma voz genérica. Esta voz recorta e faz significar, na metáfora considerada, uma história de enunciações (memorável): os sentidos do animal irracional como oposto do humano, racional, etc.

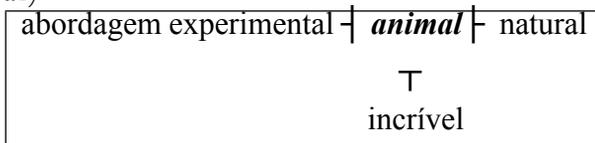
A metáfora não é então X e A e A'. A metáfora é a fusão de enunciações no acontecimento ao se dizer **animal**. E ao produzir esta cena projeta novos modos de fazer significar a palavra animal.

#### 4 Uma Metáfora Animal

Tal como dissemos acima, a metáfora **animais** em (3a) é produzida pelo modo como este termo se articula no enunciado, e assim nele se integra e pelo modo como este enunciado está neste texto. *Animais* de (3a) é uma predicação de coisas; **animais** tem uma relação de reescrituração muito específica; *coisas*, predicado por *estão animais*, é uma reescrituração, no texto (4), de *o quarto álbum de Lady Gaga, o novo álbum da cantora, ARTPOP* e de *este trabalho*; ou seja, *estão animais* predica *ARTPOP, quarto álbum de Lady Gaga*, etc; **animais** é reescriturado, em certa medida,

por *caráter experimental, incrível, natural*. O que leva a considerar que a designação de **animal** poderia ser interpretada, em certa medida, por.

(3a1)



Como dissemos antes, é a palavra cuja designação está apresentada no DSD acima que pode ser vista como uma metáfora. Enunciativamente consideramos que ao dizer **animal** (A) a enunciação funde, nesta palavra, as reescrituras envolvidas: *abordagem experimental, natural, incrível* (A). Pela fusão produzida pelo acontecimento, a palavra **animal** é que determina *experimental, natural, incrível*.

No entanto, também como dissemos antes, é possível notar que esta metáfora significa, aparentemente, mais que a fusão das reescrituras já consideradas acima.

Há algo mais nesta metáfora. É preciso fazer aparecer um aspecto fundamental aqui. Se levarmos em conta as paráfrases (3a.1) e (3a.2) para (3a), é a segunda delas que se aproxima de aspectos importantes da metáfora animal. Vejamos

(3a.1) as coisas que fizemos são extraordinárias

(3a.2) As coisas que fizemos são instinto puro.

(3a.2) se apresenta aqui pelo memorável do sentido de animal, tal como considerado na seção “*Animal*” na *Cena enunciativa*.

Este parafraseamento sugere que a metáfora em questão se constitui enquanto ultrapassa os limites da oposição entre **animal** (metáfora) e “a palavra *animal* não metafórica”. Aqui aparece um aspecto importante do que chamo de uma fusão de reescritura. Pode ser que, no texto, possamos encontrar os elementos fundidos nesta reescritura da metáfora, pode ser que não. É o caso da fusão de *animal* em **animal**. *Animal* não está dito diretamente no texto. Um outro aspecto importante



O DSD, que é a designação da metáfora, é constituído pela uma fusão das reescriturações. Assim não há na metáfora só um conjunto de termos determinando termos, mas uma concomitância de acontecimentos. Em outras palavras, a metáfora **animal** funde as reescriturações envolvidas. Assim é preciso considerar que a metáfora **animal** (cujo sentido é o oposto de animal, até certo ponto) funde uma reescrituração de *animal* por **animal**. É nesta medida que a metáfora significa esta tensão antitética, que determina o sentido de *experimental*, *natural*, *incrível*.

Em síntese, no caso de **animais** em (3a), trata-se, no caso, de um oxímoro que se constitui metaforicamente e não por articulação. Em outras palavras, o que considero o oxímoro se constitui aqui por reescrituração de enunciações antitéticas e não pela relação de palavras antitéticas, nem pela articulação de palavras antitéticas.

## 5 Argumentatividade e Metáfora<sup>12</sup>

Embora não esteja dito diretamente no texto

(3a') as coisas que fizemos estão incríveis, naturais, são experimentais.

as reescriturações levadas em conta nos permitem esta paráfrase. Consideremos a relação desta possibilidade com a metáfora em

(3a) as coisas que fizemos estão animais.

Para isso retomemos o que dissemos antes a respeito de uma relação de argumentatividade<sup>13</sup> em (3). Podemos considerar a seguinte paráfrase para (3a)

(3a'1) Acho que as coisas que fizemos estão animais por isso todos vão gostar.

<sup>12</sup> Sobre argumentatividade e metáfora ver Guimarães (2010 e 2013).

<sup>13</sup> Uso esta palavra relativamente ao que Ducrot (1973, 1988, 2004) considera a argumentação na língua.

Se tomamos este aspecto podemos considerar como possível  
(3a'2) Acho que as coisas que fizemos estão incríveis, naturais,  
experimentais, elas estão mesmo animais, por isso todos vão gostar.  
Note-se que não seria razoável

(3a'3) Acho que as coisas que fizemos estão animais, elas estão mesmo  
incríveis, naturais, são experimentais, por isso todos vão gostar.

Ou seja, podemos considerar que (3a) se apresenta como uma  
sustentação mais forte para a conclusão que (3a'). Porque isto se dá?

Ao estudar a metáfora na sua relação com a argumentação, Le Guern faz uma hipótese sobre seu funcionamento argumentativo que corresponde a dizer que a metáfora tem uma força argumentativa maior que uma expressão não metafórica. Segundo ele “os semas mantidos nos processos de seleção sêmica que funda estas metáforas são semas avaliativos” (LE GUERN, 1981, p. 69). Por outro lado ele também considera que “a força argumentativa de um lexema – considero aqui a argumentatividade – aparece como superior nos empregos metafóricos do que sentimos para os empregos do mesmo lexema no sentido próprio” (LE GUERN, 1981, p. 69). No entanto, sua posição, tal como na retórica em geral, considera a metáfora como a relação do sentido metafórico do lexema ao seu sentido não metafórico. Do meu ponto de vista a metáfora, tal como retomei acima, é a fusão de uma reescrituração. Deste modo vou considerar o funcionamento da força argumentativa entre a expressão metafórica e a que ela reescreve ao se constituir como metáfora.

No cotejo das diferenças de minha posição e a de Le Guern, quero manter, do que ele disse, a hipótese de que a metáfora pode ser argumentativa (apresentar uma orientação argumentativa) e neste caso tem força argumentativa mais forte que uma expressão não metafórica. A hipótese adotada aqui é a “de que a metáfora, ao se articular com outros elementos em um enunciado, marca uma relação argumentativa” (GUIMARÃES, 2010).

Retomemos a relação possível entre (3a) e (3a'), acima colocada. Como podemos aqui tratar a argumentatividade da metáfora em (3a)? Levando em conta a cena enunciativa que consideramos acima, podemos representar este aspecto como segue

L – O CD está animal +---) não consigo imaginar que as pessoas possam não gostar deste trabalho

Aqui o sinal ---) significa a diretividade argumentativa (A dirige para C – conclusão) e + marca o argumento como o mais forte, o decisivo. E esta orientação argumentativa se projeta para o modo como o L apresenta a unidade do texto. Se consideramos o parágrafo que segue o dizer do DJ de Lady Gaga apresentado em (3a) em discurso direto, observamos que ele mantém a conclusão do parágrafo que o precede, estabelecida pela metáfora (ficou incrível), que está sustentada pelo argumento exatamente porque não procura agradar. O oxímoro metafórico, argumento decisivo do enunciado analisado, dirige, do ponto de vista da argumentatividade, a projeção de sentido no texto. Assim a própria metáfora argumento traz uma tensão de sentido, o oxímoro, que significa uma tensão entre o irracional e o musical, fazendo funcionar esta tensão no sentido que sustenta a qualidade do Álbum de que fala.

Se retomarmos aqui a cena enunciativa (3a'1a), considerada anteriormente, teríamos

(3a'1a')

E0 – o CD é animal (irracional) (X)

E1 – o CD é experimental, natural, incrível (A)

L- l-x

E2- o CD é *animal* (A')

E3- O CD está *animal* +---) não consigo imaginar que as pessoas possam não gostar deste trabalho

*Especificação:* 1) L assume E2; L assume E3

2) *Animal*, pela fusão metafórica que produz o oxímoro, tem como designação o que está representado pelo DSD em (3a2)

## 6 Conclusão

A análise da metáfora em (3a) nos mostra que a consideração da metáfora como a fusão de uma reescrituração possibilita a compreensão de aspectos interessantes da produção do sentido no acontecimento. Aqui ressaltaria, particularmente, que a metáfora **animal** não é um desvio do sentido de *animal*. Inclusive porque, se a metáfora funde um processo de reescrituração, o termo no sentido não metafórico pode estar envolvido enquanto uma determinação do sentido da metáfora, ao lado de outros elementos. No caso em análise, as reescriturações fundidas fazem *experimental*, *natural* e *incrível* serem determinados pelo sentido da metáfora, mas fazem também que animal o determine. Esta característica é o que estamos aqui considerando como o oxímoro metafórico.

Um outro aspecto a observar é que a metáfora se produz segundo a história de enunciações da palavra em uma língua, no espaço de enunciação específico. No caso da análise, vemos como a articulação de *animais* com *estão* (forma específica do português) é parte do que produz a metáfora. Estes são aspectos do agenciamento do locutor pela língua, ao lado de outros aspectos do agenciamento como a história de enunciações da palavra. Em Inglês, por exemplo, língua em que foi dito inicialmente o enunciado considerado, a expressão metafórica não é *animal*, a expressão é *pretty fucking cool*. A história das enunciações de *fucking* é tal em inglês que dá a esta palavra esta possibilidade, que uma palavra que a traduz em português não tem. Esta é uma questão que fica aqui como interessante de ser pensada no futuro. Não só para esta metáfora, mas para outras.

Um outro aspecto que me interessa, particularmente, é que a metáfora **animais** mostra como o funcionamento dos termos pode movimentar o sentido na relação com seu oposto, não só no sentido de que um termo é o antônimo do outro, por exemplo. É mais do que isso. A história das enunciações não respeita as fronteiras *lógicas*, e trabalham o sentido até mesmo através destes limites ou fronteiras. Isto pode ter importante repercussão numa história dos sentidos articulada

a uma história de conceitos, ou melhor, uma história de sentidos que fundamente uma história de conceitos no funcionamento da linguagem. Só para lembrar uma palavra que apareceu no início, e que não foi diretamente objeto de uma análise aqui, é a palavra *bárbaro*. No caso presente, lembremos como a história desta palavra vai de *bárbaro* (primitivo) a *bárbaro* (ótimo, bonito, etc). O que se passa nesse jogo de sentidos através do tempo e das relações sociais e históricas que vão se constituindo, se modificando, se contradizendo...?

## BIBLIOGRAFIA

DUCROT, O. Les échelles Argumentatives. In: \_\_\_\_\_. **La preuve et le dire**. Paris: Mame, 1973

DUCROT, O. **Polifonia y Argumentacion**. Cali, Universidad del Valle, 1988.

DUCROT, O. Argumentation rhétorique et argumentation linguistique. In \_\_\_\_\_. **Argumentation aujourd'hui**. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2004.

GUIMARÃES, E. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

GUIMARÃES, E. Domínio Semântico de Determinação. In: GUIMARÃES, E.; MOLLICA, M. C. (Org.). **A Palavra: Forma e Sentido**. Campinas: RG/Pontes, 2007.

GUIMARÃES, E. Metáfora e Argumentação. In: **Linguagem, Acontecimento, Discurso**. Campinas: RG, 2010.

GUIMARÃES, E. Uma Hipótese sobre a Metáfora. In: **Análise de Discurso no Brasil: Homenagem a Eni Orlandi**. Campinas: RG, 2011.

GUIMARÃES, E. Argumentatividade e Argumentação. In: **Desenredo, 9:2**. Passo Fundo: Editora UPF, 2013.

LAUSBERG, H. **Manual de Retórica Literária, V. III**. Madrid: Gredos, 1966.

LE GUERN, M. Métaphore et argumentation. In: \_\_\_\_\_.  
**L'Argumentation.** Lyon, Presse Universitaires de Lyon, 1981.

*Recebido em abril de 2015.*

*Aceito em maio de 2015.*

## **SOBRE O AUTOR**

**Eduardo Guimarães** possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras Santo Tomás de Aquino de Uberaba (1969) e mestrado (1976) e doutorado (1979) em Letras pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Campinas. Foi professor visitante na Universidade de Paris III e na Universidade de Buenos Aires. Atua e desenvolve pesquisa nas áreas de semântica da enunciação e história da ideias linguísticas. Dedicase, também, a pensar a análise de textos a partir da semântica. É autor de grande número de artigos em periódicos brasileiros e estrangeiros e publicou livros como *Texto e Argumentação*; *Os Limites do Sentido*; *História e Sentido na Linguagem* (org.); *Semântica do Acontecimento*; *História da Semântica: Sujeito, Sentido e Gramática no Brasil*; *Análise de Texto*; *Um dialogue Atlantique* (co-org.); *History of Linguistic 2002*; *Selected Papers from the Ninth International Conference on the History of the Language Sciences* (co-org.). É membro de conselho editorial de vários periódicos especializados da área de Linguística e Diretor da Editora da Unicamp.  
E-mail: [eg@reitoria.unicamp.br](mailto:eg@reitoria.unicamp.br)